



ESTUDOS DE GÊNERO NA GEOGRAFIA BRASILEIRA A PARTIR DAS PROPOSIÇÕES TEÓRICAS DE ROSA ESTER ROSSINI

Clariana Gonçalves Belém Mascarenhas¹
| Maria das Graças Silva Nascimento Silva²

RESUMO

Rosa Ester Rossini é reconhecida como pioneira nos estudos de gênero na Geografia brasileira, destacando-se pela publicação de sua tese de livre-docência, em 1988, e por seu amplo reconhecimento acadêmico. Este artigo analisa suas principais proposições teóricas e produções científicas autorais, como a tese de livre-docência, seis artigos e um livro, publicadas no período de 1988 a 2022. A pesquisa está pautada na fenomenologia feminista, baseada em Simone de Beauvoir, com abordagem exploratória, levantamento bibliográfico, biográfico e trabalho de campo. Os resultados revelam o papel da mulher na lavoura canavieira, a transformação das estruturas familiares, a persistência das desigualdades de gênero e a importância de políticas públicas e do letramento de gênero. Considera-se que as proposições teóricas de Rossini trouxeram uma inovação para a Geografia brasileira, provocando-a a ser mais crítica, plural e sensível às relações sociais e de gênero.

Palavras-chave: Rosa Ester Rossini, Gênero, Feminismo.

ABSTRACT

Rosa Ester Rossini is recognized as a pioneer in gender studies within Brazilian Geography, standing out for the publication of her livre-docência thesis, in 1988, and for her broad academic recognition. This article analyzes her main theoretical propositions and scientific works, including her Full Professor Thesis, six articles and a book, all produced between 1988 and 2022. The research is grounded in feminist phenomenology, based on Simone de Beauvoir. It adopts an exploratory approach, combining bibliographic and biographical surveys with fieldwork. The results reveal the role of women in the sugarcane plantation labor force, the transformation of family structures, the persistence of gender inequalities and the importance of public policies and gender literacy. It is concluded that Rossini's theoretical propositions brought innovation to Brazilian Geography, encouraging it to become more critical, plural, and sensitive to social and gender relations.

Keywords: Rosa Ester Rossini, Gender, Feminism.

¹ Mestra em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), clarianagbm@gmail.com

² Doutora em Ciências Socioambientais e Desenvolvimento Sustentável, com Pós-Doutorado em Geografia Humana. Professora do Departamento de Geografia, Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), mgsnsilva@unir.br



INTRODUÇÃO

Rosa Ester Rossini é doutora em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP), especialmente reconhecida pelo seu pioneirismo nos estudos de gênero no cenário nacional. Durante sua carreira acadêmica, Rossini obteve quatro títulos de Doutora *Honoris Causa* e o reconhecimento durante a 4ª edição de *Pioneiras da Ciência no Brasil* (CNPq), pela sua contribuição à ciência, figurando entre as poucas geógrafas homenageadas, conforme apontam o CNPq (2014), o MCTI (2021), Mascarenhas (2023) e Alves (2019), além de registros levantados em seu acervo pessoal, durante esta pesquisa, em maio de 2024.

Entre outros reconhecimentos, Rossini recebeu o diploma e a medalha da Ordem Nacional do Mérito Científico, em 2004; a medalha cultural e comemorativa Imperatriz Leopoldina, em 2012, e o Voto de Louvor da Assembleia Legislativa do Estado de Rondônia, em 2022. Para Rossini, foi uma aventura pesquisar gênero, em específico a categoria mulher na Geografia. Passaram-se mais de dez anos para seu sentimento de coragem sobressair, tendo realizado os primeiros levantamentos em 1977 (Rossini, 1988).

Diante de seu relevante currículo e de seu perfil vanguardista, investigamos a vida e a obra de Rosa Ester Rossini, observando a perspectiva da menina e, posteriormente, da mulher, além das suas lutas e a relação de gênero durante sua trajetória. Todo esse percurso foi registrado na dissertação de mestrado intitulada *Viver é mudar e variar: Geografia feminista à luz da vida e obra de Rosa Ester Rossini*, desenvolvida por Clariana Gonçalves Belém Mascarenhas (2025), orientada por Maria das Graças Silva Nascimento Silva.

A pesquisa buscou respostas para identificar as proposições da intelectual Rossini para a Geografia, orientada pela seguinte questão-problema: Como as proposições de Rossini se refletem na Geografia brasileira, na sociedade que vivemos e/ou na Geografia que fazemos? Nesse sentido, o presente artigo tem por finalidade apresentar os resultados das análises das produções científicas de Rossini, além de seus trabalhos relacionados à categoria gênero.

Para isso, selecionamos as obras da autora que apresentam a palavra gênero em seus títulos, a partir das publicações elencadas em seu currículo *Lattes*, do qual destacamos sua tese de livre-docência, seis artigos de sua autoria e um livro elaborado em conjunto com as autoras Rochelle G. Saidel e Sonia Alves Calió.

Na tese de livre-docência, intitulada *Geografia e Gênero: a mulher na lavoura canavieira paulista*, Rossini (1988) demonstrou, entre outros aspectos, o desenvolvimento do



capitalismo, a integração da mulher associada à categoria trabalho remunerado e a nova fase de (re)produção do espaço (Rossini, 1988).

Os dois primeiros artigos analisados são: *Geografia e Gênero: a mulher como força de trabalho no campo*, publicado em 1993; e *As Geografias da Modernidade. Geografia e Gênero: mulher, trabalho e família. O exemplo da área de Ribeirão Preto-SP*, publicado em 1998. Ambos estão embasados nos resultados alcançados nas pesquisas realizadas entre 1977 e 1996.

Na sequência, o artigo intitulado *Nas atividades econômicas a modernidade tecnológica exclui homens e mulheres. Incorpora mais a mulher na cidade e menos no campo*, de 2002, retrata a modernização e o distanciamento da mulher como força de trabalho no campo.

O quarto artigo, com o título *O trabalho da mulher na agricultura canavieira altamente tecnificada e capitalizada – São Paulo-Brasil*, de 2006, explora especialmente a intensificação do capital na década de 1960 e os efeitos desse processo, sobretudo o avanço da urbanização e a redução das famílias do campo.

O quinto artigo – *Geografia e Gênero: recuperando a memória de uma pesquisa sobre a força de trabalho na agricultura canavieira na macro-área de Ribeirão Preto (SP-Brasil) 1977-2008* – publicado em 2010, indica que os recursos técnico-científico-informacionais na agricultura canavieira consistem no principal motivador da eliminação dos postos de trabalho de mulheres e homens frente à terceirização das atividades.

O sexto artigo, intitulado *Geografia e Gênero: a modernidade tecnológica na agroindústria canavieira na macroárea de Ribeirão Preto (SP) – 1977-2013*, publicado em 2014, indicou o contrário do trabalho publicado em 2006 (o quarto artigo) sobre a participação dos homens nas atividades domésticas, registrando a ausência da contribuição masculina nessas atividades e a dupla jornada das mulheres, associada aos trabalhos em casa e fora dela.

O livro *Ensino e educação com igualdade de gênero na infância e na adolescência: guia práticas para educadores e educadoras*, publicado em 2022, em parceria com Rochelle G. Saidel e Sonia Alves Calió, trata sobre o letramento de crianças e adolescentes, apresentando uma perspectiva para novas estratégias de promoção da diversidade, igualdade, equidade de gênero, além de evitar o sexismo na linguagem.

Além do recorte temporal concernente ao estudo das obras selecionadas (1988 a 2022), o presente trabalho tem objetivo exploratório, envolvendo as pesquisas bibliográfica, biográfica e trabalho de campo. Optamos por uma abordagem fenomenológica feminista, com suporte em Simone de Beauvoir, para quem ‘ser melhor’ é uma construção desde a infância, com características comportamentais determinadas para qualificá-la como tal; é uma controvérsia pensarmos que essa condição seja biológica do ser humano; essa é uma imposição da sociedade.



Fazer ciência ainda não é uma realidade natural para as mulheres ou sobre mulheres. Na atualidade, as pesquisas de gênero, feminismo e sexualidade têm avançado no campo da ciência geográfica, contudo, ainda são incipientes e carregam desafios (Lindo, 2021). Ora, o avançar da ciência, para essas pesquisas, está mais ligado à desobediência, a fim de alcançar o amadurecimento de teorias. Dessa maneira, buscamos trazer mais visibilidade aos estudos de Rosa Ester Rossini, em razão da sua relevância, assim como registrar suas contribuições para a ciência.

Rossini se pautou na interface entre as categorias "trabalho" e "família" para introduzir gênero na Geografia brasileira. Essa estratégia possibilitou extrapolar as fronteiras e marcar presença sem comprometer a pesquisa em um campo das ciências humanas. Com foco nas mulheres trabalhadoras da lavoura canavieira, processos migratórios no Brasil e no modelo econômico, Rossini registrou as transformações da sociedade e do espaço rural; afirmou que gênero é construído a partir da relação social entre mulheres e homens; demonstrou que a divisão sexual do trabalho é um pilar do sistema capitalista e patriarcal, perpetuando a exploração e as desigualdades.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento da pesquisa, adotamos a fenomenologia feminista, com base em Simone de Beauvoir ([1949] 2016). A autora assinala que a passividade que definirá a mulher "feminina" é uma circunscrição que se desenvolve nela desde a infância. No entanto, é um equívoco considerar que isso seja algo de natureza biológica; trata-se de um destino imposto por seus educadores e pela sociedade.

Sob esse ponto de vista, Rossini transgride o curso da História, extrapolando as fronteiras do espaço doméstico e somando à Geografia a categoria gênero, que, até a publicação da sua tese de livre-docência, não fora estudada. Nos anos de 1970, em São Paulo, Rossini participou de movimentos sociais contra a laqueadura de mulheres sem que elas soubessem. Em suas pesquisas, buscou visibilizar as mulheres trabalhadoras na lavoura de cana, abordando os efeitos ou mudanças no espaço a partir da mulher que trabalha para além das atividades domésticas.

Os procedimentos metodológicos desta pesquisa estão pautados em levantamentos bibliográfico, biográfico e trabalho de campo. Vale salientar que pesquisa bibliográfica estabelece um diálogo entre os interesses do pesquisador e as contribuições dos autores que compõem seu horizonte de investigação. Esse processo representa o confronto de perspectivas



teóricas, possibilitando a construção de um embasamento sólido para a análise (Cruz Neto, 1994).

O trabalho de campo foi realizado nos meses de abril e maio de 2024, quando realizamos o levantamento do acervo pessoal de Rosa Ester Rossini, em especial os diplomas, cartas, condecorações e as comprovações dos títulos de Doutora *Honoris Causa* emitidos por quatro universidades públicas brasileiras em razão da sua contribuição para a ciência.

O Currículo *Lattes*³ da intelectual foi a principal fonte de buscas para conhecermos as produções de Rossini, dentre as quais selecionamos para análise seis artigos (entre os 25 registrados), a tese de livre-docência e um livro. Para essa seleção, consideramos as produções que abordaram a categoria gênero na Geografia brasileira, elencadas no Quadro 1:

Quadro 1 - Seleção de obras autorais de Rosa Ester Rossini referentes à categoria gênero

Ano	Categoria	Título
1988	Tese de Livre-Docência	Geografia e Gênero: a mulher na lavoura canavieira paulista.
1993	Artigo	Geografia e Gênero: a mulher como força de trabalho no campo.
1998	Artigo	As Geografias da Modernidade. Geografia e Gênero: mulher, trabalho e família. O exemplo da área de Ribeirão Preto-SP.
2002	Artigo	Nas atividades econômicas a modernidade tecnológica exclui homens e mulheres. Incorpora mais a mulher na cidade e menos no campo.
2006	Artigo	O trabalho da mulher na agricultura canavieira altamente tecnificada e capitalizada - São Paulo - Brasil.
2010	Artigo	Geografia e Gênero: recuperando a memória de uma pesquisa sobre a força de trabalho na agricultura canavieira na macro-área de Ribeirão Preto (SP-Brasil) 1977-2008.
2014	Artigo	Geografia e Gênero: a modernidade tecnológica na agroindústria canavieira na macroárea de Ribeirão Preto (SP) - 1977-2013.
2022	Livro	Ensino e educação com igualdade de gênero na infância e na adolescência: guia práticas para educadores e educadoras.

Fonte: Mascarenhas (2025).

O recorte temporal compreende desde o ano de 1988, quando Rossini defendeu sua tese de livre-docência (*Geografia e Gênero: a mulher na lavoura canavieira paulista*), ao ano de 2022, quando a autora publicou a 3ª edição do livro intitulado *Ensino e educação com igualdade de gênero na infância e na adolescência: guia práticas para educadores e educadoras*.

³ Currículo Lattes de Rosa Ester Rossini: <http://lattes.cnpq.br/9844025111996256>.



A GÊNESE DOS ESTUDOS DE GÊNERO NA GEOGRAFIA BRASILEIRA COM ROSA ESTER ROSSINI

Rosa Ester Rossini ocupa um lugar de destaque na história da Geografia brasileira, por seu pioneirismo e por suas contribuições fundamentais à introdução dos estudos de gênero na área. Como precursora dessa vertente no país, Rossini foi responsável por abrir caminhos epistemológicos que ampliaram as perspectivas analíticas da Geografia, incluindo a dimensão das relações sociais e das desigualdades de gênero. Seu trabalho se consolidou como referência teórica e política, marcando uma inflexão no modo de compreender o espaço e as práticas sociais a partir da inserção da mulher como sujeita de pesquisa.

Rossini recebeu quatro títulos de Doutora *Honoris Causa*, outorgados pelas seguintes instituições: Universidade Federal de Rondônia (2011); Universidade Estadual do Ceará (2015); Universidade Federal do Piauí (2015); Universidade Federal do Amazonas (2021) conforme destacam o CNPq (2014) e Alves (2019), o que constatamos nos registros de seu acervo pessoal, em maio de 2024.

O reconhecimento institucional de Rosa Ester Rossini é expressivo. Em 2014, foi incluída na 4ª edição de *Pioneiras da Ciência no Brasil* (CNPq), figurando entre as poucas geógrafas homenageadas. Entre as 89 cientistas reconhecidas pelo Programa Mulher na Ciência (CNPq/Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2013-2018), apenas três eram geógrafas: Rosa Ester Rossini, Maria Adélia Aparecida de Souza e Bertha Becker, evidenciando a relevância de sua contribuição para a ciência nacional (MCTI, 2021; Mascarenhas, 2023).

Diante de suas contribuições à ciência, Rossini recebeu o diploma e a medalha da Ordem Nacional do Mérito Científico, das mãos do Presidente da República do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, em 2004; a medalha Cultural e Comemorativa Imperatriz Leopoldina, concedida pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, em 2012, e o Voto de Louvor da Assembleia Legislativa do Estado de Rondônia, em 2022.

No âmbito internacional, Rossini teve papel central na institucionalização da Comissão de Geografia e Gênero da União Geográfica Internacional (UGI), atuando desde 1982, e participando ativamente do processo que levou à aprovação formal da Comissão, em 1988. Essa iniciativa foi importante para o fortalecimento das redes de pesquisa e para o desenvolvimento de estudos que ampliaram a comunicação e a visibilidade das questões de gênero na Geografia no Brasil e no mundo (Carta emitida pela UGI, em 1989 - Acervo pessoal de Rosa Ester Rossini; Freitas, 2014).



Em 1985, Rossini também participou da fundação do Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero (Nemge-USP), espaço interdisciplinar que propôs linhas de pesquisa voltadas às temáticas de gênero associado à saúde, família, economia, educação, trabalho, entre outros, e à condição da mulher em contextos de violência, comunicação e participação social. O Nemge-USP se tornou um importante centro de produção científica e de articulação entre pesquisadoras comprometidas com a construção de uma ciência mais inclusiva e crítica (Nemge, 2011).

Do ponto de vista metodológico, Rosa Ester Rossini foi profundamente influenciada pelo pensamento de Milton Santos, com quem compartilhou uma visão crítica e humanista da Geografia. Essa influência foi determinante para sua transição do positivismo e da Geografia teórica para o materialismo histórico-dialético e analítico. Rossini defende essa abordagem por compreender que ela possibilita a investigação da gênese dos fenômenos sociais e o reconhecimento das especificidades - como o papel e as experiências das mulheres - em contraposição às análises puramente quantitativas e descontextualizadas (Rossini - Entrevista concedida à pesquisadora em maio de 2024).

Conforme aponta Ramon (2006), a Geografia teórica ou quantitativa se caracterizava por uma postura objetiva e neutra, marcada pela busca por regularidades espaciais e pela ausência de interesse nas questões de gênero. Com o surgimento da Geografia da Percepção, essa abordagem começou a ser questionada, abrindo caminho para as primeiras investigações sobre o comportamento das mulheres no espaço geográfico. Esses estudos passaram a enfatizar, sobretudo, as diferenças existentes entre mulheres e homens.

Em meados da década de 1980, alguns(mas) pesquisadores(as) geógrafos(as), na maioria mulheres, direcionavam para a Geografia Humana o importante papel de incorporar as problemáticas de gênero na Geografia, buscando compreender e evidenciar as diferenças entre homens e mulheres na sociedade, uma vez que essas relações são elementos importantes para a estruturação da sociedade. Incorporar a categoria nessas análises não diz respeito apenas às intimidades, afetividade ou privacidades (André, 1990).

Para as geógrafas feministas, inicialmente, o conceito de gênero adotado se baseava nas diferenças entre mulheres e homens, porém analisadas de forma isolada. No entanto, o uso do termo 'gênero' exigiu uma compreensão comparativa dos universos feminino e masculino, considerando que os indivíduos são relacionais (Silva, 2003; Silva, Nabozy; Ornat, 2011).

Rossini (2006) entende que gênero é a diferença estabelecida entre mulheres e homens, construída a partir das relações sociais. Em complemento, Silva (2003) considera que existe



uma diferença instalada e que não é física, mas sobretudo mental, a partir da simbolização arranjada pela sociedade.

Rossini já havia registrado que a mulher desempenha um papel fundamental na produção do espaço e na reprodução dos seres humanos que, junto a ela, organizados em família, criaram e continuam criando espaços na sociedade. A organização familiar muito tem a ver com as funções estabelecidas para cada membra(o) dessa estrutura organizacional, consentindo ao homem (chefe-de família) autoridade, acesso aos espaços públicos e exercer uma relação de poder sobre os demais integrantes da família.

Para as mulheres, o espaço privado (a casa, a cozinha) é um lugar onde sua autoridade sobressai, mas a carga horária é duplicada, acumulando responsabilidade com o trabalho “fora” e os cuidados com a casa, filhas(os) e marido, sendo negligenciado a elas o tempo de lazer e descanso, perpetuando a subordinação da mulher frente ao homem (Rossini, 1988).

Esse contexto remete ao trabalho desenvolvido, ao longo dos anos, por pesquisadoras e pesquisadores feministas que têm questionado os paradigmas hegemônicos da Geografia, impulsionando a construção de novas formas de produção do conhecimento. Ao problematizar a invisibilidade das mulheres nos estudos geográficos, destacamos que, por meio da dimensão espacial, o conceito de gênero reconhece os sujeitos como seres interdependentes e dinâmicos. Assim, o uso dessa categoria nas pesquisas possibilita compreender as mulheres em sua relação com o espaço, considerando as transformações contínuas e as interações dentro da estrutura socioespacial em que estão inseridas (Silva, Nabozy; Ornat, 2011).

Dessa forma, a produção e o percurso de Rosa Ester Rossini constituem não apenas um exemplo de pioneirismo, mas também um legado de coragem intelectual e dedicação à transformação social. Seu trabalho firmou os alicerces de uma Geografia mais crítica, plural e atenta às dinâmicas de poder e às desigualdades de gênero, inspirando e orientando diversas gerações de pesquisadoras e pesquisadores em todo o Brasil.

AS PROPOSIÇÕES TEÓRICAS DE ROSA ESTER ROSSINI

As proposições teóricas de Rosa Ester Rossini se destacam pela sua contribuição pioneira para a inserção da categoria gênero na Geografia brasileira. Dentre os estudos selecionados para este artigo, iniciamos a análise pela sua tese de livre-docência *Geografia e Gênero: a mulher na lavoura canavieira paulista* (Rossini, 1988), na qual a autora teve como



objetivo demonstrar, entre outros aspectos, o desenvolvimento do capitalismo, a integração da mulher associada à categoria trabalho remunerado e a nova fase de (re)produção do espaço.

O estudo investigou 43 famílias (323 pessoas) em 1977 e 38 famílias (162 pessoas) em 1986, buscando compreender como esses grupos, com ao menos uma mulher atuando na agricultura canavieira, garantiam sua sobrevivência. Para a autora, o trabalho é elemento essencial na construção do ser social e do espaço geográfico, pois cria valor, conecta indivíduos e reflete os sistemas de valores da sociedade (Rossini, 1988; 1993).

A pesquisa também abordou temas como migrações internas, modernização agrícola, conflitos fundiários, políticas públicas para a produção da cana-de-açúcar e transformações na estrutura ocupacional paulista. Rossini incorporou, de forma estratégica, a categoria “mulher” à Geografia, articulando “trabalho” e “família” para evidenciar a condição das mulheres na lavoura, sem adotar um viés feminista explícito.

Rossini assegura que o modelo familiar patriarcal impõe uma divisão sexual do trabalho, restringindo o papel feminino à produção de bens de consumo e aos cuidados domésticos, enquanto o masculino se associa à geração de riquezas. Tais desigualdades são sustentadas pelo sistema capitalista, que, mesmo com a industrialização, mantém as mulheres em postos de menor remuneração, submetidas a dupla jornada e limitação do tempo livre. Segundo a autora, os setores ocupados majoritariamente por mulheres já são desvalorizados antes mesmo de sua inserção nesses setores (Rossini, 1988; 1998).

Com base em sua tese de livre-docência e na continuidade das pesquisas, Rossini produziu 25 artigos, dos quais seis abordam especificamente a categoria gênero. Entre eles, destacamos *Geografia e Gênero: a mulher como força de trabalho no campo* (Rossini, 1993) e *As Geografias da Modernidade. Geografia e Gênero: mulher, trabalho e família. O exemplo da área de Ribeirão Preto-SP* (Rossini, 1998). Ambos se fundamentam em suas pesquisas de 1977, 1986, 1988 e 1995/1996, revelando o cenário do mercado de trabalho na década de 1990 e a redução da participação feminina decorrente da introdução de tecnologias no campo.

Do ponto de vista prático, as mulheres passaram a receber remuneração individual e a se reconhecer como força de trabalho, embora a modernização tenha reduzido postos de emprego para ambos os sexos. A descentralização da autoridade no núcleo familiar, decorrente da remuneração individual, enfraqueceu a figura do “chefe de família”, mas não eliminou o machismo evidenciado pelo aumento da violência doméstica, do alcoolismo masculino e dos divórcios (Rossini, 1993; 1998).

Os estudos também apontaram maior número de pessoas trabalhando por família, redução de moradores nas residências, crescimento da participação feminina no trabalho, queda



da fecundidade e aumento de mulheres chefes de família e de lares monoparentais. Para a autora, produção e reprodução são dimensões indissociáveis e, assim sendo, a presença feminina no mercado de trabalho impulsiona o Estado a criar políticas de seguridade - como creches, escolas e transporte - que viabilizem a continuidade do trabalho das mães (Rossini, 1998).

O terceiro artigo, intitulado *Nas atividades econômicas a modernidade tecnológica exclui homens e mulheres. Incorpora mais a mulher na cidade e menos no campo*, publicado em 2002, demonstra como a modernização do campo provocou o afastamento das mulheres das atividades rurais, devido à redução do assalariamento, aumento da terceirização e do setor informal, crescimento do desemprego entre mulheres, homens, idosos e jovens e maior ocupação relativa feminina.

Rossini (2002) relaciona a queda da taxa de fecundidade na década de 1990 ao aumento da participação feminina no trabalho, destacando que, apesar do avanço educacional, a exclusão das mulheres persistiu. A autora observa, ainda, que a presença feminina se tornou mais concentrada nas cidades, enquanto os homens permaneceram no campo, reflexo da modernização agrícola e da ausência de mulheres operadoras de máquinas.

O quarto artigo, intitulado *O trabalho da mulher na agricultura canavieira altamente tecnificada e capitalizada – São Paulo-Brasil*, publicado em 2006, explora especialmente a intensificação do capital na década de 1960 e seus efeitos, como o avanço da urbanização, a redução das famílias rurais e o aumento populacional com equilíbrio entre homens e mulheres em São Paulo.

Rossini (2006) associa a migração do campo para a cidade ao desenvolvimento técnico-científico e à capitalização agrícola, destacando que fatores como a difusão de métodos anticoncepcionais e as melhorias em saneamento, nutrição e assistência médica influenciaram a queda da fecundidade e da mortalidade. Após 29 anos de pesquisa sobre ‘gênero e trabalho’, a autora identificou maior escolarização, aumento do desemprego para ambos os sexos, diminuição dos postos de trabalho e predominância masculina nas novas vagas, já que apenas os homens operavam máquinas.

Um fenômeno observado pela intelectual é o início da participação de alguns homens nas atividades domésticas, como arrumar a casa, fazer comida, cuidar das crianças e lavar roupas, havendo uma divisão de tarefas. As mulheres ansiavam pelo trabalho urbano, em lojas e no magistério; não queriam ser empregadas domésticas, pois a remuneração era baixa e se sentiam na “prisão” (Rossini, 2006).



A análise do quinto artigo, denominado *Geografia e Gênero: recuperando a memória de uma pesquisa sobre a força de trabalho na agricultura canavieira na macro-área de Ribeirão preto (SP-Brasil) 1977-2008*, publicado em 2010, indica que os recursos técnico-científico-informacionais na agricultura canavieira figuram como o principal motivador da eliminação dos postos de trabalho de mulheres e homens, com a terceirização das atividades.

Os resultados apontam o aumento de pessoas trabalhadoras por família, a redução de moradores nas casas, a maior inserção e escolarização das mulheres no campo, a queda da taxa de fecundidade e a diminuição dos postos de trabalho, com predominância masculina nas funções que exigiam o uso de máquinas pesadas. As mulheres mantiveram a dupla jornada e a divisão sexual do trabalho continuou sendo reproduzida no lar, com filhas seguindo o exemplo das mães e filhos o dos pais (Rossini, 2010).

Pela primeira vez Rossini introduziu o tema da sexualidade feminina, associando a queda da taxa de fecundidade de 5,02, em 1940, para 1,91, em 2007; além de menos crianças, o acesso a informações e métodos contraceptivos possibilitam maior liberdade sobre o corpo e a sexualidade (Rossini, 2010).

A autora também discutiu o aumento de mortes entre cortadores de cana, possivelmente ligadas ao trabalho exaustivo, à fome e à falta de assistência médica. Em contrapartida, registrou melhorias nas condições de trabalho, como transporte em ônibus, instalação de banheiros, uso de mochilas e garrafas térmicas e oferta de reforço alimentar (Rossini, 2010).

Rossini reiterou alguns dos resultados alcançados no sexto artigo aqui analisado: *Geografia e Gênero: a modernidade tecnológica na agroindústria canavieira na macroárea de Ribeirão Preto (SP) – 1977-2013*, publicado em 2014. Esse texto foi apresentado na Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa, em 2014, em que Rossini indicou o contrário do artigo publicado em 2006 sobre a participação dos homens nas atividades domésticas. Neste caso, ela reavaliou e registrou a ausência dos homens e reforçou a continuidade da dupla jornada de trabalho das mulheres, acumulando o trabalho produtivo na agricultura canavieira e nas tarefas domésticas, evidenciando a exploração dos corpos e da força de trabalho das mulheres, direta e indiretamente, pelo capital vinculado ao patriarcado, em que mulheres são exploradas para que esse modelo econômico funcione por meio do trabalho doméstico, oculto e não remunerado (Rossini, 2014).

Os resultados consolidados das pesquisas de 1977, 1985/86, 1995/96, 2003/2006 e 2010/2013 reiteram a diferença salarial entre homens e mulheres. Diferentemente dos resultados anteriores, destaca-se a presença de mulheres assalariadas na função de operadora de colheitadeira a partir de 2009 (Rossini, 2014).



Ao analisar as obras publicadas por Rossini, verificamos que sua pesquisa começou em 1977, ou seja, 11 anos antes da aprovação de sua tese de livre-docência, em 1988. Contudo, a autora precisou de coragem para defender a tese e continuar com a pesquisa até os dias atuais. Vale destacar que a banca avaliadora da livre-docência era composta majoritariamente por homens e tinha apenas uma mulher. As estratégias adotadas foram convincentes para que o trabalho não fosse desqualificado.

Fato interessante observado nos artigos de Rossini é a escolha do perfil familiar e seus avanços, podendo ser considerado “bem-sucedido” no tempo em que registra. A composição familiar das(os) entrevistadas(os) está estruturada por uma pessoa do sexo masculino, outra do sexo feminino e a prole. Não se registrou variação ou indicação de mudança estrutural dos núcleos familiares entrevistados com o passar dos anos. Identificou-se a presença de famílias monoparentais e chefiadas por mulheres, entretanto estas não foram entrevistadas. Não há apontamentos de famílias com pais e mães homossexuais, filhas e filhos adotados ou de pai/mãe solo.

Em seus estudos, Rossini afirma que o modelo familiar pesquisado é patriarcal e a condição do feminino e do masculino se consolidam a partir da divisão sexual do trabalho. Por outro lado, não se identificam as razões pelas quais o modelo de família se instaura e perpetua. Sobre a perspectiva da categoria trabalho, foi evidenciada a construção do espaço através da presença da mulher. Destaca-se a necessidade de os equipamentos públicos - como transporte, creche, escola, atendimento médico preventivo e curativo, nutrição, habitação e segurança - acompanharem as dinâmicas das mulheres, com a finalidade de se manterem trabalhando.

As entrevistas aplicadas por Rossini aconteciam com os homens e as mulheres do mesmo núcleo familiar, desde que pelo menos uma mulher da família exercesse funções laborais na lavoura de cana-de-açúcar. O trabalho de campo, as entrevistas semiestruturadas (que passaram por alterações ao longo de anos de pesquisa) e os questionários, junto à abordagem qualitativa e quantitativa, estiveram em todo o percurso metodológico das obras aqui analisadas. Vale observar que as condições apresentadas eram as das famílias. Contudo, a condição da mulher, enquanto resultado das análises, se apresentou de forma complementar.

Rosa Ester não explicitou teorias baseadas em uma Geografia feminista, mesmo que tenha usado uma breve citação de Simone de Beauvoir no começo da apresentação de sua tese de livre-docência. Entretanto, o fato de trazer a mulher e sua força de trabalho como componentes importantes, a autora reformula o pensamento geográfico a partir do seu olhar para a mulher, bem como por sua coragem em se posicionar no cenário da ciência geográfica brasileira. De acordo com a Rossini (2024), o recurso bibliográfico era escasso e seus registros



acadêmicos visibilizaram as mulheres. A rotulagem associada ao termo ‘feminista’ poderia limitar e comprometer sua pesquisa, implicando em radicalismo e preconceito (Rossini - Entrevista concedida à pesquisadora em maio de 2024).

As diferentes alterações do espaço - com o reconhecimento da mulher como força de trabalho e as mudanças significativas do modo de vida, especialmente na agricultura canavieira - foram pautadas na incorporação do sistema capitalista a partir de 1960, elencando as violências decorrentes do modelo cultural, social e econômico refletidas no comportamento machista e no sistema patriarcal vivenciado pelas mulheres.

Rossini, Saidel e Calió (2022) conceituaram gênero, igualdade e equidade de gênero, preconceito e estereótipos de gênero na 3ª edição do livro *Ensino e educação com igualdade de gênero na infância e na adolescência: guia práticas para educadores e educadoras*, publicado em 2022. Para as autoras, o letramento de crianças e adolescentes é uma perspectiva para novas estratégias de promoção da diversidade, igualdade, equidade de gênero, além de evitar o sexismo na linguagem (Rossini; Saidel; Calió, 2022).

Nesse sentido, o livro também indica que, apesar de a educação ser um direito fundamental, romper as barreiras curriculares pedagógicas, a compreensão de mundo dos docentes, alunos e responsáveis para inserção do tema é algo desafiador. Em complemento, o livro propõe: exercícios de autoavaliação para docentes; levantamento da consciência sobre preconceitos; ações de combate a estereótipos; atividades transversais para reduzir comparação e competição; orientações sobre brincadeiras e brinquedos; promoção da autoestima; educação sexual voltada ao bem-estar; discussão sobre profissões do futuro para reduzir desigualdades de gênero; e prevenção do sexismo na linguagem. (Rossini; Saidel; Calió, 2022).

As autoras defendem que uma educação baseada na diversidade, na igualdade e na equidade de gênero amplia o processo de aprendizagem, valorizando as diferenças como elementos essenciais de uma sociedade plural e promovendo a superação de discriminações históricas. As diferenças entre pessoas não devem gerar desigualdades: meninas não são menos capazes, nem meninos menos sensíveis (Rossini; Saidel; Calió, 2022).

A análise da obra evidencia que o conceito de gênero envolve dimensões físicas, racionais e emocionais, mas a sociedade ainda tende a definir papéis com base nos órgãos genitais, limitando comportamentos e possibilidades. Ao longo de mais de 30 anos, as pesquisas de Rossini evidenciam a força das mulheres trabalhadoras da cana-de-açúcar e denunciam as contradições do capitalismo e da modernização, como o aumento da violência doméstica e a sobrecarga feminina, intensificadas pelo modelo patriarcal e tecnológico.



Rossini foi estratégica ao utilizar as categorias ‘trabalho’ e ‘família’ para introduzir o tema de gênero na Geografia brasileira, evitando rótulos feministas que poderiam comprometer seu trabalho em um cenário hostil. Sua pesquisa, que acompanhou as transformações da sociedade e do espaço rural, mostrou, de maneira irrefutável, que a divisão sexual do trabalho é um pilar do sistema capitalista e patriarcal, perpetuando a exploração e as desigualdades.

Nessa perspectiva, as diferenças nas relações sociais de gênero estão reduzidas ao tipo de genitália presente nos corpos humanos e às interfaces entre as estruturas econômica, cultural e religiosa que regulamentam o modelo das relações construídas em uma sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, evidenciamos o pioneirismo e a coragem de Rosa Ester Rossini, que dedicou mais de dez anos à construção de sua tese de livre-docência *Geografia e Gênero: a mulher na lavoura canavieira paulista* (Rossini, 1988), período em que abordar a questão de gênero na Geografia brasileira, para ela, era considerado uma “aventura”.

A defesa de sua tese de livre-docência ocorreu em um contexto acadêmico majoritariamente masculino, o que reforça a importância de sua estratégia intelectual ao incorporar a categoria “mulher”, associando-a às categorias ‘trabalho’ e ‘família’, porém evitando vieses feministas explícitos, a fim de não comprometer a aceitação de seu trabalho.

Os resultados das pesquisas de Rossini trazem contribuições teóricas importantes, como a compreensão da relação entre Geografia, gênero e trabalho, destacando o papel da mulher no desenvolvimento do capitalismo, sua integração ao trabalho remunerado e à transformação do espaço social. Para a autora, “não existe trabalho sem criação de valor e não existe o ser social sem trabalho” (Rossini, 1988, p. 21), reforçando a centralidade do trabalho na construção social.

As análises das obras de Rossini revelaram a imposição da divisão sexual do trabalho no modelo patriarcal: o trabalho masculino direcionado à geração de riquezas e o feminino limitado à produção de bens de consumo, serviços domésticos, cuidado das crianças e reprodução biológica, perpetuando a subvalorização da força de trabalho feminina.

Ao longo das décadas, Rossini documentou transformações significativas na macrorregião de Ribeirão Preto, no interior de São Paulo. Inicialmente, observou-se o reconhecimento da mulher como força de trabalho remunerada; entretanto, a modernização tecnológica e a intensificação do capital no campo, especialmente a partir da década de 1960, promoveram a redução da força de trabalho feminina e masculina no campo, a predominância



masculina nas novas vagas, o aumento da terceirização e do setor informal, a migração para áreas urbanas e maior ocupação feminina nas cidades.

No âmbito familiar, houve o enfraquecimento da figura do “chefe de família” e o aumento da violência doméstica, alcoolismo e divórcios, mantendo-se a dupla jornada de trabalho das mulheres. Foram analisados aspectos demográficos, como queda da taxa de fecundidade, acesso a métodos contraceptivos e mudanças no modo de vida urbanizado, assim como melhorias nas condições de trabalho dos cortadores de cana, embora o trabalho exaustivo ainda representasse risco à saúde. Apesar das mudanças, a diferença salarial entre homens e mulheres persistiu; apenas a partir de 2009 foram registradas mulheres operando colheitadeiras.

A última obra analisada, *Ensino e educação com igualdade de gênero na infância e na adolescência: guia práticas para educadores e educadoras*, 3ª edição, publicada em 2022, em coautoria com Rochelle G. Saidel e Sonia Alves Calió, apresenta um guia voltado para o letramento em igualdade de gênero, diversidade e equidade, propondo exercícios que apoiam docentes e discentes no despertar consciente do seu lugar e dos outros seres no mundo. O livro reforça a importância da promoção da igualdade e da diversidade, embora ainda se perpetue, em certa medida, a associação dos papéis sociais à distinção genital, mostrando a complexidade dessa temática.

REFERÊNCIAS

ALVES, C. G. Trabalho e gênero nas obras de Rosa Ester Rossini. In: XIII ENCONTRO ENANPEGE. **Anais [...]**. São Paulo, SP, 2019.

ANDRÉ, I. M. O gênero em geografia: introdução de um novo tema. **Finisterra**, Lisboa, XXV, 50, p. 331-348, 1990.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Vol. 2. 3. ed. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. [1949 edição original].

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Mulher e Ciência. **Pioneiras da Ciência**, 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/cnpq/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/mulher-e-ciencia/pioneiras-da-ciencia-1>>. Acesso em: 06 jul. 2024.

CNPQ - PORTAL MEMÓRIA. **Pioneiras da Ciência no Brasil** - 4ª edição, 2014. Disponível em: <<http://memoria.cnpq.br/web/guest/pioneiras-da-ciencia-do-brasil4>>. Acesso em: 16 jun. 2024.

CRUZ NETO, O. Trabalho de campo como descoberta da criação. IN: DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. de S. (Orgs.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 51-66.



FREITAS, E. P. de. Rosa Ester Rossini. **Pioneiras da Ciência no Brasil** - 4ª edição, 2014. Disponível em: <http://memoria.cnpq.br/web/guest/pioneiras-view/-/journal_content/56_INSTANCE_a6MO/10157/2139061>. Acesso em: 16 jun. 2023.

MASCARENHAS, C. G. B. **Construindo histórias e deixando legado**: Maria das Graças Silva Nascimento Silva. Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Mulher e Relações Sociais de Gênero. *Blog*, nov. 2023. Disponível em: <<https://gepgenerounir.medium.com/construindo-hist%C3%B3rias-e-deixando-legado-maria-das-gra%C3%A7as-silva-nascimento-silva-827b764b9f55>>. Acesso em: 10 dez. 2024.

MASCARENHAS, C. G. B. *Viver é mudar e variar: Geografia feminista à luz da vida e obra de Rosa Ester Rossini*. 2025. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2025. Orientadora: Maria das Graças Silva Nascimento Silva.

NEMGE - Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre a Mulher. **Quem somos**. 2011. Disponível em: <<https://nemgeusp.weebly.com/>>. Acesso em: 11 jan. 2025.

LINDO, P. O mapa da pesquisa de gênero na geografia brasileira (2010 a 2019): Sistematização e análise. **Revista da ANPEGE**, v.17, n. 32, p. 259, 2021.

RAMON, M. D. G. Geografia del género. IN: LINDÓN, A. de; HIERNAUX, D. (Orgs.). **Tratado de geografia humana**. Rubí, Barcelona: Anthropos Editorial; México: UAM. Iztapalapa. Div. Ciencias Sociales y Humanidades, 2006, p. 337-355.

ROSSINI, R. E. **Geografia e gênero**: a mulher na lavoura canavieira paulista. Tese (Livre-Docência) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988. Orientador: José Ribeiro de Araújo Filho.

ROSSINI, R. E. Geografia e gênero: a mulher como força de trabalho no campo. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 23 (Supl.1), p. 1-58, 1993.

ROSSINI, R. E. Nas atividades econômicas a modernidade tecnológica exclui homens e mulheres. Incorpora mais a mulher na cidade e menos no campo. In: **GEOUSP** - Espaço e Tempo, São Paulo, n. 12, p. 47-57, 2002. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/geousp/article/view/123771/119958>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

ROSSINI, R. E. **O trabalho da mulher na agricultura canavieira altamente tecnificada e capitalizada - São Paulo - Brasil**. 2006. Buenos Aires: CLACSO/Universidade de São Paulo, 2006. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/single.php?_id=001710063&locale=pt_BR>. Acesso em: 11 jan. 2024.

ROSSINI, R. E. Geografia e Gênero: recuperando a memória de uma pesquisa sobre a força de trabalho na agricultura canavieira na macro-área de Ribeirão Preto (SP-Brasil) 1977-2008. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 1, n. 1, p. 121-133, jan./jul. 2010.

ROSSINI, R. E. Geografia e Gênero: a modernidade tecnológica na agroindústria canavieira na macroárea de Ribeirão Preto (SP) – 1977-2013. IN: XIX ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS: POPULAÇÃO, GOVERNANÇA E BEM-ESTAR, 2014, **Anais [...]**, São Pedro. ABEP, 2014. p. 1 - 12. Disponível em:



ENANPEGE

XVI Encontro Nacional de Pós-Graduação e
Pesquisa em Geografia

<http://www.abep.org.br/~abeporgb/abep.info/files/trabalhos/trabalho_completo/TC-8-31-513-473.pdf>. Acesso em: 02 out. 2023.

ROSSINI, R. E.; SAIDEL, R. G.; CALIÓ, S. A. **Ensino e educação com igualdade de gênero na infância e na adolescência**: guia prático para educadores e educadoras [recurso eletrônico]. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados/USP, 2022. Disponível em: <<https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/970/884/3244>>. Acesso em: 25 nov. 2023.

SILVA, J. M.; NABOZY, A.; ORNAT, M. J. **A visibilidade e a invisibilidade feminina na pesquisa geográfica**: uma questão de escolhas metodológicas. Espaço, gênero e feminilidades. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011, p. 20-41.